

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOÃO ANDREI DANTAS

**RESSIGNIFICANDO OS ARQUIVOS DA CIDADE DE
FAGUNDES: HISTÓRIA DO POVO E MARCAS DA
IDENTIDADE CULTURAL**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

JOÃO ANDREI DANTAS

**RESSIGNIFICANDO OS ARQUIVOS DA CIDADE DE
FAGUNDES: HISTÓRIA DO POVO E MARCAS DA
IDENTIDADE CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

192r Dantas, Joao Andrei.
Ressignificando os arquivos da cidade de fagundes [manuscrito] : história do povo e marcas da identidade cultural / Joao Andrei Dantas. - 2014.
45 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância , 2019.
"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. História Cultural. 2. Memória. 3. Fagundes. 4. Cultura popular. 5. Fagundes. I. Título
21. ed. CDD 981.063

JOÃO ANDREI DANTAS

**RESSIGNIFICANDO OS ARQUIVOS DA CIDADE DE FAGUNDES:
HISTÓRIA DO POVO E MARCAS DA IDENTIDADE CULTURAL**

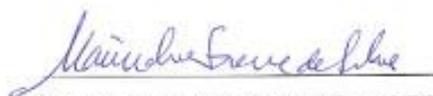
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 18/10/2014.



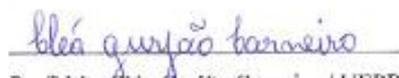
Prof. Ms. Rafael Francisco Braz / UEPB

Orientador



Prof. Dr. Marinalva Freire da Silva / UEPB

Examinadora



Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro / UEPB

Examinadora



“Não sei exatamente por que acredito que um livro nos traz a possibilidade da felicidade, mas sou profundamente grato por este modesto milagre”.

Jorge Luís Borges.



A todos os professores e professoras que passam por toda minha vida acadêmica, seja na Graduação seja na Pós-Graduação. Como também, dedico a todos aqueles e aquelas que sempre buscaram divulgar a História de Fagundes como: Irineu Joffily, José Cruz Herculano, José Garcia Correia, Gerlane Menezes, José Weelington, Epaminondas Câmara, José Elias Barbosa Borges e Elpídio Josué de Almeida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força suprema, pela vida que me concebeu, e por estar comigo em todos os momentos.

Aos meus Pais (João Ferreira Dantas e M^a Rozileuda N. Dantas), que me deram à vida com tanto amor e me ensinaram a viver com dignidade orientando-me a não andar nos caminhos obscuros com muito afeto e dedicação.

A minha irmã Andressa, meus avós, meus tios, a Josefa M. Xavier (Barro - *In memoriam*), por incentivarem e acreditarem que somos vencedores.

A minha esposa, companheira e amiga Quezia Pereira Freitas, por seu amor, seus incentivos, suas alegrias.

As minhas filhas Letienne Vitória e Sophia Lara, jóias de minha vida, que com sorrisos e abraços, fazem minha vida alegre e prazerosa.

Aos mestres e doutores, por nos oferecer possibilidades de consolidar as bases de nossos conhecimentos para o nosso crescimento profissional.

Aos verdadeiros amigos, que compartilharam comigo alegrias, dissabores, parcerias, meu carinho, amizade e respeito.

Aos professores do Curso de Especialização em Fundamento da Educação da UEPB, em especial, ao Professor Rafael Francisco Braz, que contribuíram ao longo de três meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

Fagundes é uma cidade pequena e pacata, e tem sua história praticamente desconhecida pelos seus habitantes, na qual muitos nem sequer sabem o ano de sua emancipação política. Como historiador e pesquisador esta falta de informação da cidade era preocupante, já que o fascínio pelo campo histórico, que chamamos de História Cultural, fez com que escolhêssemos essa corpus para representar à história dos levantes populares e da Pedra de Santo Antônio, na cidade de Fagundes. Nosso objetivo principal, no entanto, é ressignificar a memória e identidade da cidade de Fagundes através dos arquivos históricos (fotos, documentos, entrevistas). Portanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Melo (2000), Pasavento (2003), Joffily (1977) e Monteiro (1995). A análise nos mostra que os levantes populares foram, definitivamente, marcantes na vida dos habitantes fagundenses. Notamos que, depois de mais de século e meio do seu primeiro levante popular, o “Ronco da Abelha”, as pessoas ainda se lembram do que se tratava, tornaram-se marcas e identidade cultura de um povo. O mesmo pode ser afirmado sobre o “Quebra-Quilos”, o mais conhecido desses movimentos.

Palavras-chave: História Cultural; Memória; Fagundes; Cultura popular; Fagundes

RÉSUMÉ

Fagundes est un petit village calme, son histoire et n'a pratiquement et inconnu à ses habitants, dont beaucoup ne savent même pas l'année de leur émancipation politique. Comme un historien et chercheur ce manque d'information de la ville est inquiétant que la fascination pour le domaine historique, que nous appelons l'histoire culturelle, nous a fait choisir ce corpus pour représenter l'histoire de soulèvements populaires et la Pierre de Santo Antonio, dans la ville de Fagundes. Notre objectif principal, cependant, est de recadrer la mémoire et de l'identité de la ville de Fagundes dans les fichiers historiques (photos, documents, entretiens). Par conséquent, nos fondements théoriques basés sur Melo (2000) Pasavento (2003), Joffily (1977) et Miller (1995). L'analyse nous montre que les soulèvements ont été définitivement marqués dans la vie des habitants fagundenses. Nous notons que, après plus d'un demi-siècle, et son premier soulèvement populaire, la « Ronco da Abelha », les gens se souviennent encore de ce qu'il était, est devenu marques identité et la culture d'un peuple. La même chose peut être dit à propos des «Quebra-Quilos », le plus connu de ces mouvements.

Mots-clés: Histoire culturelle; La mémoire; Fagundes; Culture populaire; Fagundes

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Fagundes – Visão aérea, 2010	13
FIGURA 2 –	Movimento Quebra-Quilos em 1874.....	17
FIGURA 3 –	Mapa da revolta do Quebra-Quilos.....	19
FIGURA 4 –	Barragem 2004.....	22
FIGURA 5 –	Inauguração do abastecimento de água de Fagundes em 1978...	24
FIGURA 6 –	Pessoas da Comunidade Francisco dos Reis tomando banho.....	26
FIGURA 7 –	Barragem, 2004, plantação de verduras às suas margens.....	27
FIGURA 8 –	Romeiros rezando para Santo Antônio, 13 /06/ 2004.....	28
FIGURA 9 –	Pedra de Santo Antônio.....	29
FIGURA 10 –	Silvia, 65 anos, Campina Grande-PB, 13/06/2004.....	30
FIGURA 11 –	Jaqueline, 17 anos, Esperança - PB, 13/06/2004.....	30
FIGURA 12 –	Festa da Pedra de Santo Antônio 13 de junho de 2004.....	31
FIGURA 13 –	Festa da Pedra, 13 de junho de 1983.....	31
FIGURA 14 –	Jovens passando por baixo da pedra – 13 de junho de 1983.....	32
FIGURA 15 –	Romeiros subindo a ladeira da Pedra, junho de 2004.....	37
FIGURA 16 –	Romeiros subindo a ladeira da Pedra, 13 de junho de 1983.....	38
FIGURA 17 –	Entrada da capela de Santo Antônio, 13 de junho de 2004.....	39
FIGURA 18 –	Romeiros subindo a ladeira da Pedra, novembro de 2010.....	40
FIGURA 19 –	Matriz São João Batista.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CARTOGRAFIA DE FAGUNDES	14
1.1. Localização de Fagundes	14
1.2. Ronco da Abelha (1852)	16
1.3. Quebra-Quilos (1874)	17
1.4. Quebra-Canos (1983)	22
2. A PEDRA DE SANTO ANTÔNIO	28
2.1. O Sepulcro da Fé	28
2.2. Santo Antônio: O Santo Casamenteiro.....	36
3. FÉ E PENITÊNCIA	38
3.1. Os Romeiros	38
3.2. Novembro: A Romaria dos Migrantes	41
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Fagundes é uma cidade pequena e pacata que tem sua história praticamente desconhecida pelos seus habitantes e na qual muitos nem sequer sabem o ano de sua emancipação política. Como historiador e pesquisador, esta falta de informação das cidades era preocupante, já que o fascínio pelo campo histórico, que chamamos de História Cultural, fez com que escolhêssemos este corpus para representar a história dos levantes populares e da Pedra de Santo Antônio, na cidade de Fagundes.

SILVA et al. (2004)¹ apresenta que “Os índios cariris foram os primeiros habitantes do local onde se localiza o município de Fagundes, por volta de 1670”. Em 1762, o local passou a chamar-se Fagundes, nome da tribo dos índios cariris, no século passado. O município foi criado em 22 de dezembro de 1961.

Na realização deste trabalho acadêmico, utilizamos diversos recursos da representação: de início, recorremos à bibliografia sobre a cidade de Fagundes que é pouquíssima, em seguida, a Casa da Cultura do Município aos registros paroquiais, bem como o arquivo do “*Diário da Borborema*”. Fizemos um reconhecimento e classificação do material encontrado e começamos as conversas com as pessoas mais velhas da cidade, entre elas o professor de História José Cruz Herculano e o poeta que Correia. Depois do material selecionado, iniciamos a parte mais árdua: escrever o texto monográfico. Nossa preocupação era a de que as pessoas do município de Fagundes pudessem ter uma boa compreensão do que vão ler, para isso utilizamos um dos ícones do conceito de representação, a exposição das imagens, “que substitui algo/outro, ou mesmo pela exibição de objetos ou ainda por uma performance portadora de sentido que remetem a determinadas ideias” (PESAVENTO, 2003, p. 40-41).

Assim, dentro da narrativa sempre com exposição de fotos, vamos apresentando os levantes populares, iniciando com o surgimento da cidade, passando pelo “Ronco da Abelha”, o “Quebra-Quilos”, o “Quebra-Canos”, a localização do ponto turístico de Fagundes, o mito da Pedra de Santo Antônio, a história do “santo casamenteiro”, os romeiros da festa de Santo Antônio e finalizamos com a Romaria dos Migrantes.

Dessa forma, a história dos levantes populares e da Pedra de Santo Antônio, será pensada “como a análise do trabalho da representação, isto é, das classificações e das

¹ SILVA, M.F.da; CARVALHO, E. O. D de e BRANDÃO, R.J.de A. **A Semântica toponímica dos municípios paraibanos**. João Pessoa: Sal da Terra, 2007, 3.79 Fagundes

exclusões que constituem” (CHARTIER, 1990 p. 27), assim sendo, fizemos uma viagem ao passado de Fagundes, trazendo-o ao presente para ser ressignificado, ou seja, decifrar a realidade do passado por meio das representações do imaginário popular. “Ressignificando os arquivos da cidade de Fagundes: história do povo e marcas da identidade cultural” é o título do nosso trabalho, que se apresenta dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo buscamos fazer uma representação de Fagundes a partir das sesmarias e dos levantes populares “Ronco da Abelha” e “Quebra-Quilos”, ambos na segunda metade do século XIX e o “Quebra-Canos”, do final do século XX.

No segundo, intitulado “Pedra de Santo Antônio: sepulcro da fé”, fazemos uma representação do mito da Pedra, contada por “seu Chico da Pedra” nos versos de José Garcia Correia, o qual apresentamos a história de Santo Antônio, desde sua escolha pelo segmento religioso franciscano até tornar-se Santo Antônio, o “santo casamenteiro”.

No terceiro, intitulado “Ressignificando a fé e a penitência do povo de Fagundes”, procuramos apresentar uma abordagem das crenças dos romeiros em Santo Antônio e da Romaria dos Migrantes, mostrando a utilização da Pedra de Santo Antonio pelos romeiros e a pouca popularidade da Romaria dos Migrantes e por fim, nossas considerações finais e referências usadas nesta pesquisa.

1 . CARTOGRAFIA DE FAGUNDES



Figura 1: Fagundes – Visão aérea, 2010 (arquivo Prefeitura Municipal de Fagundes)

1.1. LOCALIZAÇÃO DE FAGUNDES

A cidade Fagundes está localizada na Região Metropolitana de Campina Grande no compartimento da Borborema, especificamente, na Serra do Bodopitá, no agreste paraibano, distanciando-se da capital do Estado da Paraíba, João Pessoa, 106 Km. Limita-se ao norte com o município de Campina Grande, que fica a 24 Km, ao sul com a cidade de Aroeiras, a 30 Km, ao leste com Itatuba e Ingá, a 30 Km, e ao oeste com o município de Queimadas, a 18 Km.

Possui 189, 026 Km² de extensão territorial, que é bastante acidentado, pois é formado por muitas serras entre elas: Laranjeiras, Catucá, Trapiche, Cumbe, Melancia, Limão, que formam a área da Serra de Bodopitá e ao leste a serra da Catuama, as demais áreas do município são relativamente planas, onde a população realiza variadas atividades agrícolas como também a criação de gado.

Com relação à hidrografia, temos alguns rios e riachos temporários. Vejamos os rios: Paraibinha, Surrão, Capivara e Cedro, e os riachos: Bonsucesso, Gavião, Craibeira e Jacaré. O clima é agradável com temperatura média de 22 graus, com regime pluviométrico de aproximadamente 800 mm anual, sendo apresentados longos períodos de estiagem. O solo é

composto por terras roxas, avermelhadas, massapé e massame, têm como recurso mineral a argila, matéria-prima para construção de tijolos e telhas, que não é bem aproveitado pela comunidade local.

A população de Fagundes, segundo o senso do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), na década de 1970 era de 12.786 habitantes, caindo para 11.405, no último censo, em 2010. A população masculina é menor do que a feminina, o que, provavelmente, se explica pela migração de homens.

Sobre a história de Fagundes, temos alguns fragmentos como podemos ver nos argumentos apresentando por Irineu Joffily (1977) a história de Fagundes começa antes da história de Campina Grande. O referido historiador afirma que quando Teodósio de Oliveira Ledo, aldeou na grande campina e os padres da Companhia de Jesus já haviam se retirado da Serra de Bodopitá lugar onde se localiza a cidade de Fagundes. A Companhia de Jesus tentou em vão catequizar os índios Cariris que ali viviam e se alimentavam da caça e ensiná-los a prática da agricultura, mas sem muito sucesso.

Com o abandono da aldeia pelos jesuítas, Teodósio requer ao governo da Capitania, em 1702, terras devolutas na parte mais fértil da Serra de Bodopitá, onde hoje se localiza a cidade. Em seu requerimento ao governo da Capitania da Parahyba, Teodósio de Oliveira Ledo (1988) alegava, que:

tinha descoberto com grande trabalho e despesa de sua fazenda na serra chamada Bodopitá um **brejo de canas bravas** e matas que nela há um olho d'água[...] e nesses brejos e matas que nela há lhe parecem capazes de produzir roças e outros legumes necessários para a conservação com mais cômodo, não só da guerra contra os **Tapuias**, mas também dos moradores do dito sertão, que mais facilidade as poderão povoar e assistir nelas; por isso requeria a mercê de quatro léguas de comprimento e uma de largura no dito brejo e olho d'água das canas bravas na serra de Bodopitá, tomada de norte a sul (grifos da autor) (JOFFILY, 1894, p. 14)

A sesmarias foi concedida a Teodósio de Oliveira Ledo, com seu comprimento reduzido para três léguas, segundo a Carta Régia de 7 de dezembro de 1698, pois a redução foi para evitar o abuso das doações extensas sem aproveitamento pelos sesmeiros. No entanto, ainda hoje, existe discussão referente ao nome Fagundes, mas de acordo com o historiador José Elias Barbosa Borges, que relata o seguinte:

Mas, como respondermos à pergunta desse grande historiador Elpídio de Almeida sobre a origem e significado do nome Fagundes? Só há alguns anos é que descobrimos o mistério, mas lamentavelmente não mais o pudemos contar a Elpídio, que já havia falecido.

A origem do nome português Fagundes data de alguns anos, antes de e durante o período da Dominação Holandesa, mais precisamente, antes das

duas batalhas dos Guararapes. A primeira luta ocorreu na fronteira da Paraíba com o Rio Grande do Norte. O combate que aí se deu envolvia forças Holandesas e Luso-brasileiras. As Holandesas eram auxiliadas pelos índios Tupis, de Pedro Poty e pelos índios Tarairius, do Rei Janduí. As forças indígenas brasileiras eram comandadas pelos Tupis de Camarão, e pelos Rodelas, vindos do São Francisco. Ora, rodela é a tradução portuguesa de Aracapá, nome da grande Ilha do São Francisco, Capital dos Cariris, conforme nos conta Martin de Nantes, em sua *Relation Succinte*.... Não houve grande vitória nessa luta e os Rodelas voltaram para o rio São Francisco.

Por outro lado, havia um importante soldado, ligado à Casa da Torre, chamado Francisco de Souza Fagundes, que comandava esses índios Rodelas (cariris), em uma das ilhas do São Francisco. Essa ilha, posteriormente, recebeu o nome de Ilha do Fagundes. E esse Francisco Fagundes, liderando cerca de trezentos índios Rodelas, Cariris, portanto, participaram decisivamente da Primeira e da Segunda batalha de Guararapes, a partir de 1654, ao lado de dois jovens flamengos convertidos, Francisco de Brá e Jean Voltrin, contribuindo para a derrota final dos Holandeses.

A única indicação que se nos apresenta para explicar a origem do nome Fagundes, dado a esse grupo de índios cariris da Paraíba, é o fato de ter sido ele, uma homenagem desses índios ao chefe Fagundes, que os havia conduzido militarmente na Bahia e nas vitórias de Guararapes”. (BORGES, 2009, p. 170-171)

1.2. RONCO DA ABELHA (1852)

A partir da segunda metade do século XIX, as zonas de cultura algodoeira, no brejo e agreste, passaram por grandes transformações.

Em primeiro lugar, inserido no mercado internacional capitalista, o algodão passou a ser cultivado através da grande propriedade que, no sertão, admitia escravos. Isso significava prejuízos para parceiros, meeiros, moradores, pequenos sitiantes, arrendatários e foreiros que começaram a perder o acesso à terra, monopolizada pelos latifundiários. (ARRUDA, 200, p. 119)

Acompanhando essas mudanças nas relações de produção no brejo e agreste vinham medidas centralizadoras promovidas pelo Império Brasileiro. Foram editados alguns decretos, que colocaram, de início, a população pobre constituída por trabalhadores rurais, que desempenhavam atividades de parceiro, ou meeiro. Num censo geral que tinha como objetivo estabelecer o registro civil dessa população. Esses decretos provocaram nas massas populares uma sensação que os levavam para a escravidão do homem de cor, daí chamá-lo “lei do cativo”, que se tornou numa resistência popular aos decretos.

Na Província da Parahyba, a resistência “assumiu a forma de tumultos em que roceiros armados de pedras, bacamartes e clavinotes, invadiram vilas e cidades como Ingá, Campina Grande, Alagoa Nova, Guarabira, Areia e Fagundes, dirigindo-se, preferencialmente, aos

cartórios” (ARRUDA, 2000, p. 120). (...) Estava iniciado o movimento popular denominado “Ronco da Abelha” que ocorreu em 1852, no governo de Sá e Albuquerque.

Os revoltosos reivindicavam o fim do decreto Imperial que retirava da Igreja o direito de emitir registros e óbitos, passando então a cargo dos Cartórios que eram órgãos do Governo Imperial. Para complicar mais as coisas, os sacerdotes da Igreja Católica, nada satisfeita com a perda de parte de sua autoridade, começaram a pregar contra os registros civis, que por eles eram chamados “papel de satanás”, provocando, ainda mais, a revolta da população.

Em declaração no relatório apresentado à Assembleia Legislativa, Sá e Albuquerque declarou que “infelizmente a execução do regulamento de 18 de junho do ano passado, que baixou com o Decreto da mesma data, acerca do registro de nascimento e óbitos, serviu de pretexto ao povo para amotinações e a ordem pública foi perturbada em alguns pontos da Província” (PINTO, 1908, p. 149). (...)

No ponto em que fala Sá Albuquerque está praticamente limitado a serra do Bodopitá onde está localizada Fagundes e ao Ingá, onde se formaram grupos com mais de 200 homens, que invadiram a vila do Ingá, destruindo os livros e papéis encontrados na casa do juiz de paz.

A denominação “Ronco da Abelha” surgiu porque os *revoltosos se organizavam* em grandes grupos que se pareciam com enxames, e intentavam ações rápidas, como se tivessem picado, e corriam. O “Ronco da Abelha” não possuía chefes nem ideologia pré-estabelecida. Era tão somente a massa desacreditada e desprovida de quaisquer informações com relação às mudanças, que revoltada reagia contra a nova realidade imposta pelo governo imperial.

1.3. QUEBRA-QUILOS (1874)



Figura 02: Movimento Quebra-Quilos em 1874 – (Arquivo Casa da Cultura da Prefeitura Municipal de Fagundes).

O “Quebra-Quilos” foi um movimento de maiores proporções que o “Ronco da Abelha”, chegando a necessitar da interferência do Governo Imperial; o “Quebra-Quilos” que, partindo dos brejos e chapadas da Borborema, se alastrou pelos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, no período compreendido entre outubro e dezembro de 1874.

O que desencadeou esse movimento foi à adesão pelo Governo Imperial ao Sistema Métrico em 1862. Acontece que em todo o país permanecia em uso os sistemas tradicionais de medidas, tais como léguas, cuia, quarta, onça. Em 1874 a tentativa de adotar os padrões do sistema métrico provocara uma revolta popular violenta na Paraíba. Essa revolta ficou conhecida como “Quebra-Quilos”. Para as autoridades da época, o movimento teria sido insuflado pelo clero, em briga com o governo. Vejamos.

Em 1872, o Decreto Imperial de 18 de setembro estabeleceu como padrão de medidas o sistema métrico decimal francês. Dois anos mais tarde, em novembro de 1874, a execução local do que impunha esse decreto foi o estopim que deflagrou a insurreição dos “Quebra-Quilos”. A revolta, liderada por João Vieira, conhecido como “João Carga d’Água”, irrompeu na serra de Bodopitá. Descendo a serra, os insurretos invadiram a Vila de Fagundes num dia de feira, quebraram as “medidas” (caixas de madeira de um e cinco litros de capacidade), fornecidas pelo poder público municipal e usadas pelos feirantes, e atiraram os pesos dentro do Açude Velho.

Carga de rapadura atirada por feirantes contra cobrador de impostos, na feira de Fagundes, foi a centelha a partir da qual a rebelião espalhou-se por várias localidades como Pocinhos, Ingá, Cabaceiras, Campina Grande, Areia, Arara, Alagoa Nova, Alagoa Grande, Bananairas, Araruna, Guarabira, Pilar, Salgado e Mamanguape. (MELO, 2000: 122)

Os cobradores de impostos eram a representação do Poder Público nas feiras livres, tendo a população e feirantes revoltosos com as altas taxas de impostos, o serviço obrigatório para o Exército e a insatisfação gerada pelo Decreto Imperial, onde como ocorrera em outros movimentos populares o Brasil, tanto no período Imperial como no início da República, onde as decisões governamentais eram tomadas a revelia da população, especificamente, as camadas populares, que possuíam e ainda possuem os protestos e manifestações públicas como instrumento de mostrarem suas insatisfações e indignações.

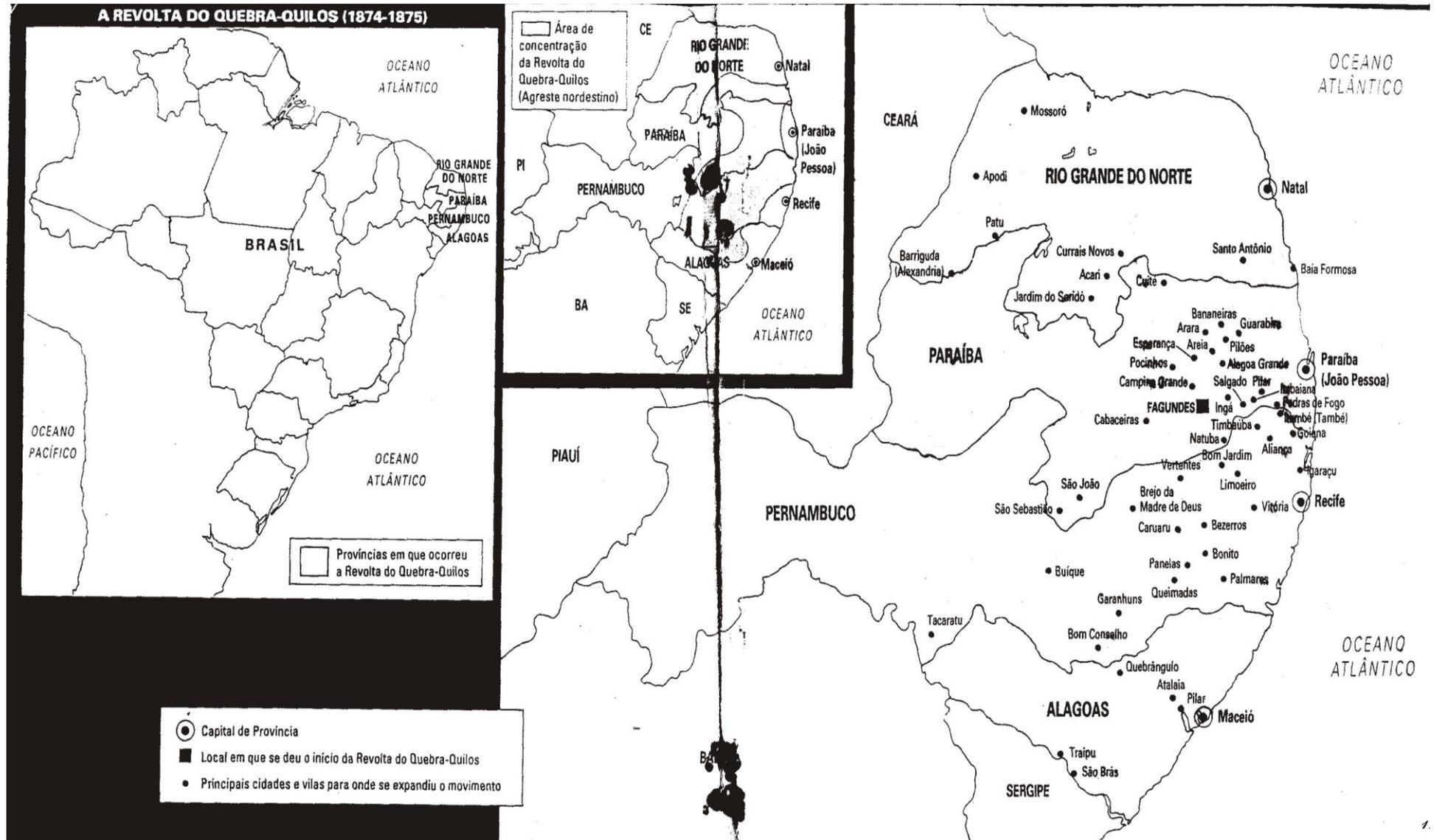


Figura 03: mapa da revolta do Quebra-Quilos (Hamilton Mattos Monteiro – O Quebra-Quilos), 1995

A revolta ganhou tal dimensão que se estendeu não apenas para outros municípios do Brejo e do Cariri, mas transpôs a província, estendendo-se para Pernambuco e até Alagoas. Ademais, a insurreição ganha novos matizes quando aos revoltosos juntaram-se vários indivíduos armados, liderados por Manoel de Barros Souza, conhecido como Neco de Barros, e Alexandre de Viveiros. Juntos, invadiram e dominaram a cadeia, libertando os presidiários, entre os quais o próprio pai do primeiro, e incendiaram cartórios e o arquivo municipal. Era propósito de Alexandre de Viveiros anular os autos de processo de homicídio que pesava sobre ele.

O governo imperialista brasileiro reagiu com grande brutalidade contra os revoltosos, chegou a deslocar canhões para a tropa de linha chefiada pelo capitão Longuinho, saqueando engenhos e fazendas, prendeu e espancou à vontade. O capitão Longuinho tinha uma particularidade, ele utilizava contra os suspeitos do movimento um instrumento de tortura denominado *colete de couro*, que era molhado e costurado no tórax do pobre indivíduo, que quando estava seco, apertava e matava a vítima por asfixia ou expectoração sanguínea.

A revolta dos “Quebra-Quilos” durou ainda uns poucos meses, quando foi sufocada pelas forças policiais. O líder João Carga d’Água foragiu-se, mas Alexandre Viveiros foi preso. Em represália, as forças da milícia imperial desferiram sobre a população, no início de 1875, a mais brutal repressão de que se tem notícia. Esses acontecimentos são assim narrados por Epaminondas Câmara:

A rebelião já estava extinta e como não havia rebeldes em armas, o capitão Longuinho e seus soldados promoveram toda sorte de arbitrariedades contra a população indefesa. Foram presos o Vigário Calixto, os fazendeiros José Honorito Leite, Manuel Justino de Farias Leite e muitas outras pessoas de influência liberal, a cujo partido era atribuída a orientação do movimento subversivo. Além de violentar os lares e roubar os haveres, a força aplicou desalmadamente em dezenas de rapazes inocentes o ‘colete de couro’, conduzindo os poucos que conseguiam sobreviver a tão hediondo castigo, para a capital da província ou para o Rio, donde não mais voltaram, morrendo ao maltrato das enxovias. Os campinenses sofreram algo com os ingênuos caboclos de Carga d’Água, os verdadeiros Quebra-Quilos. Sofreram horrivelmente com os cangaceiros de Neco de Barros e Alexandre de Viveiros que não tinham ligações com aqueles e já viviam fora da lei, assassinando e depredando. Mas com a milícia imperial, aquela que vinha apenas manter a ordem, seu sofrimento foi muitas vezes maior, não teve limites! (CÂMARA, 1998, p. 57)

Novamente, os revoltosos foram sufocados e vencidos pelas forças opressoras do governo imperial, prevalecendo o sistema métrico decimal francês, o serviço militar

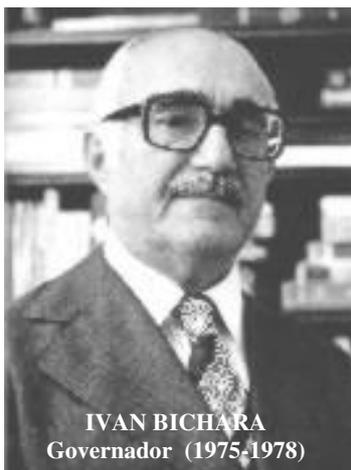


Figura 04: Barragem 2004– Motivo da Revolta do Quebra-Canos (arquivo Gerlane)

Em meados do século XX, os distritos de Fagundes e Galante passaram por problemas em comum: não tinham abastecimento e sofria com a seca. Foi então que o prefeito campinense Plínio Lemos (mandato de 30/11/1951 a 30/11/1955) resolveu construir uma barragem que a princípio seria para abastecer o distrito de Galante.

O local escolhido foi a Serra do Bodopitá, no distrito de Fagundes. A escolha da Serra como lugar para essa construção se deveu, ao entendimento de que sua localização geográfica facilitaria a drenagem de água para o distrito de Galante. A barragem foi então construída, mas o distrito de Galante não foi saneado, porque a população de Fagundes não aceitava, ver Galante saneada e Fagundes não.

Para complicar as coisas, no ano de 1961, sob o decreto de Lei nº 2.661, de 22 de dezembro desse mesmo ano, foi criado o município de Fagundes. Com essa nova divisão territorial, o novo município ganhou a barragem recém construída ficando Galante, sem a barragem para seu abastecimento. Acontece que, a barragem não tinha utilização para nenhum dos municípios. Foi apenas na gestão do sexto prefeito de Fagundes José Ferreira Dantas Irmão (Zuca Ferreira), que governou o município de 1976 a 1982 que, a barragem passou a ter utilidade, e finalmente serviu para o abastecimento desse município, ficando Galante sem o seu abastecimento.



Oficialmente, o abastecimento d'água de Fagundes foi inaugurado no dia 04 de novembro de 1978, com uma grande festa em praça pública que contou com a presença de políticos ilustres da Paraíba, tais como o deputado estadual Antonio Gomes; o diretor da CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba), Gerência Regional de Campina Grande, engenheiro Cristóvão Vicktor; o empresário Raimundo Lira; o ex-governador, Professor Ivan Bichara Sobreira² e o governador eleito, Tarcísio de Miranda Burity.

As obras tinham recebido um investimento da ordem de dois milhões de cruzeiro. A festa contou com a presença de cerca de cinco mil pessoas, que assistiram ao “*show*” do Conjunto de Chicó e do cantor João Gonçalves.

Depois de inaugurado oficialmente o sistema de abastecimento d'água de Fagundes, em ato público presidido pelo prefeito Zuca Ferreira, a praça da Rua principal da cidade foi palco de uma festa popular nunca antes vista naquele município, tendo em vista a espontaneidade com que os populares procuraram usufruir pela primeira vez da torneira instalada naquele logradouro. Enquanto a água jorrava, as crianças banhavam-se os adultos aplaudiam a iniciativa da administração municipal que redundou naquela realidade. (BORBOREMA, Diário da, 07/11/1978: Caderno Especial)

² **Ivan Bichara Sobreira:** Nasceu no dia 24 de maio de 1918, em Cajazeiras-PB, filho de João Bichara e D. Hermenegilda Bichara Sobreira. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade do Recife, em 1945. Enveredando na política, elegeu-se Deputado Estadual, pela Paraíba, em duas legislaturas, de 1947 a 1950; Deputado Federal de 1955 a 1959. Destacou-se na Assembléia como líder dos Governos Oswaldo Trigueiro e José Américo de Almeida. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu as atividades de Vice-Presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas, Secretário Geral e Consultor Jurídico da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Em 1975, foi escolhido, pelo processo de eleições indiretas, Governador do Estado da Paraíba, afastando-se do cargo em 1978, para disputar uma vaga no Senado Federal, pela ARENA, não logrando êxito. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 11 de junho de 1998.



Figura 05: Inauguração do abastecimento de água de Fagundes em 1978 (Arquivo Prefeitura de Fagundes)

No ano de 1982, a campanha para prefeito de Campina Grande esquentava; principalmente no distrito de Galante, pois já fazia trinta anos da construção da barragem que inicialmente, fora construída para o abastecimento de água desse distrito. Mas que por conta da emancipação administrativa de Fagundes, que passara a município, Galante havia perdido a sua barragem.

Não podendo mais contar com a barragem, pois ela pertencia a Fagundes a população pressionava os políticos para solucionarem ao problema do abastecimento de água. Os dois principais candidatos a prefeito então eram Ronaldo Cunha Lima (tinha como trunfo sua esposa natural de Galante) e Vital do Rego, (que não tinha muita alternativa para angariar votos do distrito), conseguiu ao governo do Estado verba, para abastecer Galante antes das eleições serem realizadas.

Com o abastecimento d'água direto da barragem de Fagundes, antes mesmo das eleições, e conseguiu do governo do Estado os canos para fazer o abastecimento. Fagundes e Galante estavam recebendo água da barragem. A situação começou a complicar quando o fator geográfico beneficiou Galante. Por estar localizado na parte baixa da Serra do Bodopitá, o distrito recebia o fluxo de água, normalmente, enquanto Fagundes tinha problemas, pois está localizada acima do nível da barragem, acarretando chegada d'água, às torneiras sem pressão ou, mesmo em algumas ruas, a sua falta.

Essa situação começou a provocar animosidade nos fagundenses e até mesmo um sentimento de revolta, que chegou às vias de fato quando, em 1983, a CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba) tentou colocar canos grossos para o abastecimento de Galante e a população de Fagundes quebrou os canos.

A partir desse ocorrido, iniciaram-se as ameaças entre as partes, chegando a ocorrer, apedrejamento de carros, tiroteio, e uma vítima, o galantense Bartolomeu Gomes, que foi alvejado, mas felizmente não chegou a falecer. Desse ponto em diante os carros de Fagundes só passavam por Galante escoltados pela polícia.

A essa altura, todos os órgãos de imprensa noticiavam tais episódios. O jornalista, que na época era repórter da TV Paraíba, dirigiu-se ao local com sua equipe de reportagem, e chegando à barragem, local da revolta, foi expulso sem sequer fazer a reportagem ou as filmagens. [Desse dia até hoje esse repórter nunca mais foi a Fagundes.]

Esse acontecimento, atingiu os brios do repórter que ao retornar a Campina Grande escreveria para toda Paraíba as agressões por ele sofridas, em Fagundes. No dia seguinte, em um programa jornalístico, por ele dirigido, na antiga Rádio Caturité, o jornalista fez inúmeras acusações contra os revoltosos, inclusive, se referindo a esses de modo pejorativo, chamado-os de índios, irresponsáveis, e selvagens.

O jornalista pintou um quadro desastroso da situação, dramatizando-a bastante, com a construção de imagens de vandalismo por meio de suas opiniões, afirmações de que “os quebra-canos” saltavam das árvores como macacos loucos. Mas, quais poderiam ser os interesses do repórter em colocar-se de modo tão veemente contra a manifestação popular e tentar colocar a sociedade contra os “quebra-canos”? “De verdade” vale salientar, que esse jornalista/repórter sempre foi conhecido por sua ligação com o grupo político da família Cunha Lima, liderado pelo poeta Ronaldo Cunha Lima, na época, prefeito eleito de Campina Grande. E esse grupo político tinha grande interesse em ganhar essa “briga” contra os fagundenses e resolver o abastecimento d’água de Galante.

Outro fato que repercutiu negativamente para imagem dos fagundenses foi à entrevista dada pelo político campinense Ronaldo Cunha Lima, ao “Jornal de Verdade”, afirmando que a CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba) havia recolocado os canos na barragem, após estudos técnicos, comprovando-se que, mesmo com o nível muito baixo do reservatório, a água seria suficiente para abastecer os dois lugares. Essa entrevista pode ser entendida como uma jogada política que reforçava o discurso de Juarez Amaral, só que desta vez com o respaldo por um laudo técnico da CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba).



Figura 06: Barragem, pessoas da Comunidade Francisco dos Reis tomando banho (arquivo Gerlane Menezes)

No final dos conflitos pelo acesso aos benefícios da atualização da barragem, Fagundes acabou vencendo, mas olhando por outro ângulo, Fagundes e Galante perderam. Galante, pelo fato ter perdido o abastecimento d'água da barragem e Fagundes porque a barragem secou, com a estiagem, e a cidade ficou, também, sem o abastecimento de água, voltando a encher novamente na década de 1990, servindo apenas para irrigar as plantações de verduras as suas margens.



Figura 07: Barragem Francisco dos Reis 2004, plantação de verduras às suas margens (arquivo Gerlane Menezes)

Segundo as crenças dos idosos, a barragem secou por punição divina, pois, os homens jamais poderiam brigar por uma coisa que Deus lhe deu: a água. Hoje o distrito de Galante é abastecido pelo açude de Boqueirão, e Fagundes pelo açude do Gavião, e a dita barragem em questão, é utilizada por moradores das localidades de Pedra de Santo Antônio, Canas Bravas e Francisco dos Reis (Chico dos Reis) para tomar banho, beber e regar as plantações de verduras.

O conflito teve fim por uma causa natural, mas, até hoje, existe um certo clima de discórdia entre os fagundenses e os galantenses. Os fagundenses saíram dessa história, como “índios”, no sentido pejorativo da palavra, ou seja, selvagens, bárbaros. Imagem esta cuja construção, como já mencionado, aconteceu devido a interesses de forças políticas que se utilizaram do poder administrativo, simplesmente para satisfazerem seus anseios, de obtenção de vantagens. Felizmente o problema de abastecimento d’água em Galante foi solucionado.

Mas, nem só de levantes populares viveu e vive a cidade de Fagundes, seu povo também vive de fé. Fagundes tem um destaque especial por possuir uma pedra, que para os romeiros é considerada santa, pois, segundo se crê, abriga um santo português, mais conhecido como Santo Antônio, o “santo casamenteiro”. Por causa dessa crença, a cidade de Fagundes recebe, rigorosamente, nos meses de junho, milhares de romeiros de todo nordeste brasileiro.

2. A PEDRA DE SANTO ANTÔNIO

2.1. O sepulcro da fé



Figura 08: Romeiros rezando para Santo Antonio, 13 /06/ 2004 (arquivo João Andrei e Gerlane Menezes).

A Pedra de Santo Antônio é um bloco de rocha solto, que se destaca em meio a um imenso maciço rochoso por apresentar uma bonita formação arquitetônica. Mede, aproximadamente, 35 metros de altura por 10 metros de largura. Voltada para o norte, está à vista num raio de 40 Km pelas populações das cidades de Campina Grande, Lagoa Seca, Queimadas, Esperança e Boqueirão, como platéias naturais e incrustada num dos cumes da Serra do Bodopitá a 720 metros de altura em relação ao nível do mar.

A pedra tornou-se, há cerca de cem anos, um ponto de visitação constante de pessoas para lazer e, principalmente, para romarias religiosas. O Sr. Francisco Felisberto da Silva, conhecido como “seu Chico da Pedra”, infelizmente já falecido, em janeiro de 2002, era neto de José Felisberto da Silva, natural do lugarejo conhecido por Nossa Senhora do Ó, no Estado do Pernambuco. No século XIX, em virtude de uma grande seca, ocorrida em 1877, Francisco Felisberto da Silva resolveu procurar uma outra região para localizar sua moradia e suas atividades agrícolas e de pecuária.

Conta a lenda que, quando de sua vinda para a localidade de Fagundes, José Felisberto da Silva trouxe consigo seis escravos. Certo dia mandou que os mesmos saíssem pela terra e fizessem uma exploração da área para ver o que nela existia. À época essa terra era coberta por uma mata virgem que começava no lugarejo que hoje é conhecido como Galante e se estendia até a cidade de Fagundes.



Figura 09: Pedra de Santo Antônio (Arquivo Prefeitura Municipal de Fagundes)

Os escravos, ao chegarem no cume da serra, encontraram uma bonita pedra com uma arquitetura bastante diferente que lhes chamou a atenção. Resolveram escalá-la através de uma gameleira que nela estava encostada. Ao chegarem a certa altura, observaram uma bifurcação que existe na pedra, formando em meio a essas saliências um plano, como se fosse um berço, e lá avistaram uma estátua.

Voltaram e relataram o fato ao seu dono. Este resolveu ir até a igreja de Fagundes e contar o fato ao pároco. O ocorrido encheu de curiosidade o padre e os moradores da cidade. Quando os religiosos vieram à pedra trouxeram consigo alguns fiéis para identificar o achado. Lá se constatou tratar-se de uma imagem de Santo Antônio, e levaram-na então em procissão para a igreja. Logo a notícia se espalhou e começaram as romarias até a igreja.

Dias depois, a imagem sumiu do altar, vindo a ser encontrada no seu lugar de origem. Novamente foi trazida com grande acompanhamento para a igreja. Passados alguns dias sumiu outra vez, sem deixar rastros, sendo novamente encontrada no mesmo lugar. Porém, quando houve o terceiro desaparecimento e os fiéis foram, como das outras vezes, até aquela localidade, para surpresa de todos, um novo fato tinha acontecido; a frondosa gameleira havia se afastado da pedra e misteriosamente caído, impedindo, assim, que os romeiros pudessem resgatar a imagem. Desse momento em diante passaram a ser feita romarias à pedra. Que a partir de então passou a ser chamada de Pedra de Santo Antônio, no cume da Serra do Bodopitá.

As fotos das páginas seguintes registram momentos dessa memória das visitas e romarias à Pedra de Santo Antônio. O leitor poderá conferir a grande massa de visitantes que ocorrem a esse lugar, que deu ao município de Fagundes a alcunha de “Cidade da Fé”.



Figura 10: Dona Silvia, 65 anos da cidade de Campina Grande-PB, 13/06/2004 (arquivo João Andrei e Gerlane Menezes)

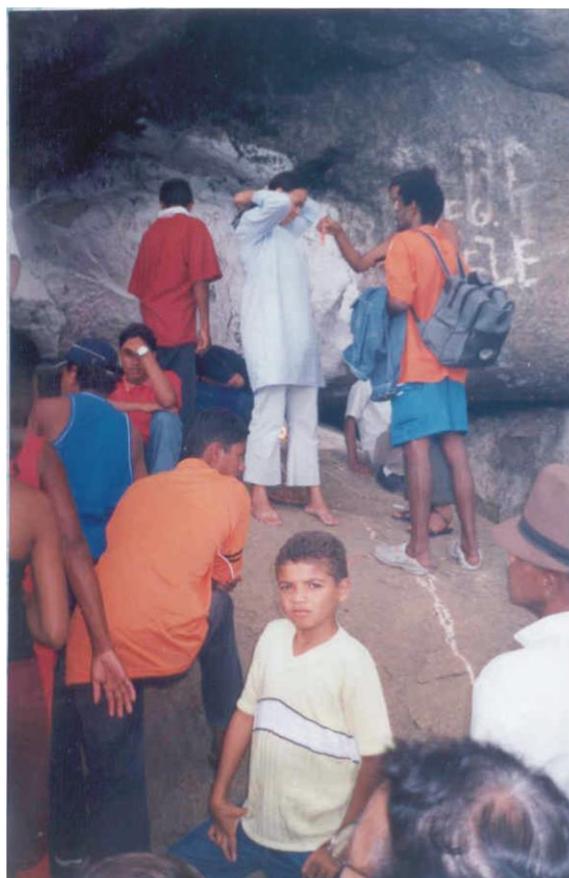


Figura 11: Jaqueline, 17 anos de Esperança - PB, pagando promessa: deixando mexas dos seus cabelos, 13/06/2004. (Arquivo João Andrei e Gerlane)



Figura 12: Festa da Pedra de Santo Antônio 13 de junho de 2004 (Arquivo João Andrei e Gerlane Menezes).



Figura 13: Festa da Pedra, 13 de junho de 1983 (Arquivo Casa da Cultura da Prefeitura Municipal de Fagundes).

Assim, a partir de fim da década de 1870 iniciava-se uma tradição dos adeptos desse santo, todos os anos, os romeiros e curiosos visitam a pedra. As razões são inúmeras. Uns vêm pagar suas promessas, principalmente, os idosos, deixando lá os seus ex-votos; outros, os jovens, particularmente, vêm em busca de diversão, ou passar por debaixo da pedra para conseguir um namorado ou namorada, pois, segundo reza a lenda: quem tiver fé e conseguir passar por debaixo da pedra três vezes tem seu desejo alcançado.

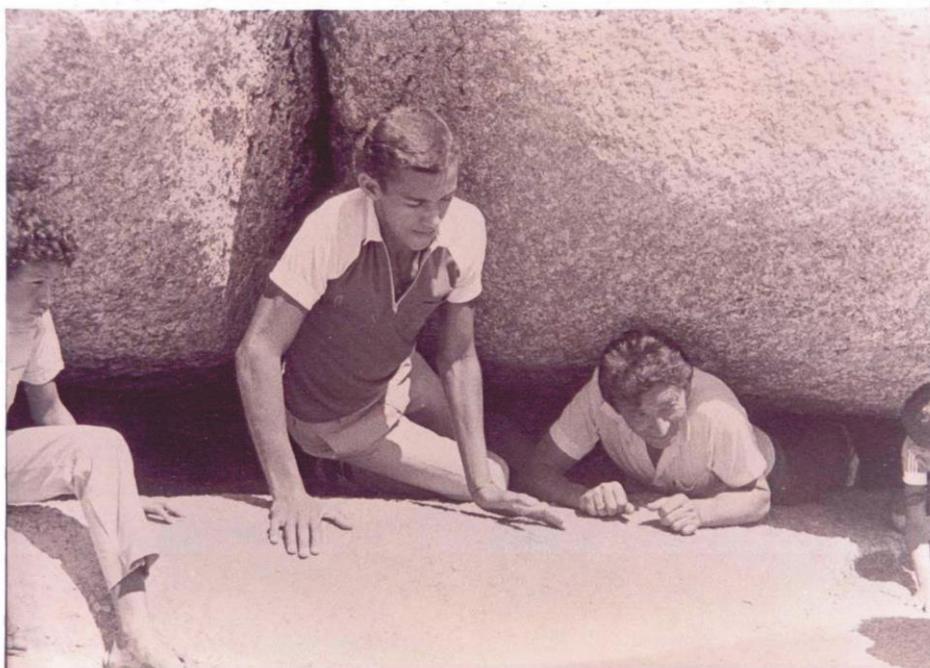


Figura 14: Jovens passando por baixo da pedra – 13 de junho de 1983 (arquivo Casa da Cultura)

A lenda da pedra possui alguns escritos nos cordéis de José Garcia Correia, Garcia como era conhecido, além de poeta era enfermeiro e político, foi militante do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) na década de 1980 e 1990, chegando a eleger-se vereador em 1992, em seus versos descreve a história da Pedra de Santo Antônio como tendo ocorrido assim:

Eu vou contar esta história
Deixar pra sempre escrita
Contada por Chico (Francisco)
E sua esposa Simita.

Ele é o dono da terra
E da pedra se formou
E me contou esta história
Que já vem do seu avô.

O velho Zé Felisberto
De Chico (Francisco) o avô
E de Joaquina dos Santos
Era também bisavô.

E o Joaquim dos Santos
Homem bom e muito honrado
Disse que Chico falou
Por mim também foi contado.

Lá que são de tradição
Homens de capacidade
Garanto pode espalhar
Que a história e de verdade.

No fim do século passado
Com uns escravos chegou
Zé Felisberto para aqui
Onde a vida começou.

E quando estava de folga
Pela terra ia andar
Os escravos também iam
O seu dono acompanhar.
Dois pediram para caçar
Ou então procurar mel
E por serem escravos bons
Zé também fez bom papel.

E Zé disse: podem ir

Não precisa carreira
Andaram e viram a pedra
Perto de uma gameleira.

A gameleira para a pedra
Era como escadaria
Chegava até lá no alto
Qualquer um por lá subia.

Pararam, ficaram olhando
A beleza e a perfeição
O trabalho da natureza
Que chamava atenção.

Logo sentiram vontade
De lá no alto subir
Uma coisa convidava
Não puderam resistir.

Subiram até lá no alto
E se depararam com a surpresa
Encontraram um Santo Antonio
Lá naquela fortaleza.

Bonito seu ar parecia
Que era feliz onde estava
Dali, ele via o mundo
O mundo ele dominava.
E seu semblante mostrava
Que da sua moradia
A todos abençoava
Do jeito que ele queria.

Mas acharam que era errado
Um santo ficar
Que era dentro de uma igreja
O lugar dele morar.

E foram o padre buscar

Pra da pedra tirar o santo
E para a igreja de Fagundes
Levaram ele num manto.

As portas da igreja fecharam
Deixando ele lá dentro
Foram para casa dormir
No altar ficou no centro.

No outro dia abriram
A igreja para varrer
O santo não estava lá
E ficaram e dizer.

Isso foi o sacristão
Que de fechar a porta esqueceu
Veio alguém levou o santo
E foi isso que se deu.

Mas o padre garantiu
Que a porta fechou
Que o santo dali sumiu
Mas ninguém ali entrou.
Com um pouquinho chegou
Um cabra com os olhos arregalados
Dizendo que para a pedra
O santo tinha voltado.

E logo o padre ficou
Numa grande confusão
Disse vou buscar o santo
Resolver esta questão.

E o santo foi buscar
E junto com ele o povo
Botaram ele no altar
Trancaram a porta de novo.

Duvidaram ele sair
A porta o padre trancou
A te botaram tocaia
Segundo alguém me contou.

Quando o dia amanheceu
E a igreja foram abrir
Procuraram o santo
Ele não estava ali.

Ele foi para a pedra de novo
Ninguém sabe como ia

E o povo passou a crer
Que um milagre existia.

Uma parte não acreditou
Por três vezes insistiu
E ele voltava para a pedra
Muita gente velha viu.
E foi na terceira vez
Que a igreja saiu
Que a gameleira da pedra
Secou e por terras caiu.

Secou e morreu de repente
Aí passaram acreditar
Que ele ali morar queria
Ali era o seu lugar.

Um dia alguém lá subiu
Mas o santo não encontrou
E como diz o matuto
Foi ele que se encantou.

Ele que se encantou
Para nós ficou invisível
Para dali não ser tirado
Por gente incompreensível.

Que não quis compreender
Que se ele voltava para lá
É porque dali gostava
Ninguém devia o tirar.

Com o tempo uma pessoa
De família generosa
Também gente muito boa
Chamava-se Santa Barbosa.

Lembrando o caso do santo
Foi na pedra e implorou
Uma graça para o mesmo
E bem logo alcançou.
E como compensação
Um Santo Antonio ali botou
E o povo a pedir benção
Em romaria chegou.

E foi logo acontecendo
Milagre dia após dia
E o nome desta pedra

Pelo nordeste crescia.

Me conta Chico (Francisco)
De um homem desenganado
Quinca Lopes o seu nome
Sofria muito o coitado.

Era o dono de uma usina
Chamada de Curangi
Nenhum doutor lhe curou
Saiu curado daqui.

E também apareceu
Uma moça que zombou
Mas logo se encolheu
Um castigo lhe chegou.

E a sua mãe chorando
A Santo Antonio implorou
Ele a deixou normal
Seus poderes comprovou.

Eu achava que era lenda
Hoje acho que não é
Tire suas conclusões
Venha acender sua fé.
Para nós é um patrimônio
Além de um lugar santo
Para as solteiras um bom canto
Para arranjar matrimônio.

A pedra de Santo Antonio
Também é bela de ver
Convido caro turista
Venha à pedra conhecer³.

2.2. SANTO ANTÔNIO: O SANTO CASAMENTEIRO

Popularmente, conhecido como protetor dos pobres, invocado para o auxílio na busca e encontro de objetos ou pessoas perdidas e, principalmente, o amigo nas causas do coração, assim é Santo Antônio de Pádua, frei franciscano, de origem portuguesa, que trocou o conforto da família burguesa pela vida religiosa.

Nascido na cidade de Lisboa, provavelmente em 15 de agosto de 1195, e tendo recebido no batismo o nome de Fernando de Bulhões e Taveira foi filho único de Martim de Bulhões e Maria Tereza Taveira de Azevedo, nobre pertencente ao clã dos Bulhões y Taveira de Azevedo. Sua infância foi tranqüila, sem maiores emoções, até que resolveu optar pelo hábito. A escolha recaiu sobre a ordem de Santo Agostinho. (C.S.C., 1951, p. 6)



Santo Antônio de Pádua
(arquivo pessoal)

O jovem Fernando de Bulhões, preferia a solidão das bibliotecas e dos oratórios às discussões religiosas. Isso, pelo menos até um grupo de franciscanos cruzar seu caminho. O encontro, por acaso, numa das ruas de Coimbra marcou-o para sempre. Eles eram jovens diferentes, que traziam nos olhos um brilho desconhecido. Seguiam para o Marrocos, na África, onde pretendiam pregar a Palavra de Deus e viver entre os sarracenos.

Só que no Marrocos a experiência costumava ser trágica. E daquela vez não foi diferente. Como a maioria dos antecessores, nenhum dos religiosos retornou com vida, geralmente eram mortos em confrontos religiosos. Depois de testemunhar a coragem dos jovens frades, Fernando decidiu entrar para a Ordem Franciscana e adotar o nome de Antônio, numa homenagem à Santo Antão.

Disposto a se tornar um mártir, ele partiu para o Marrocos, mas logo após aportar no continente africano, Antônio contraiu uma febre, ficou tão doente que foi obrigado a voltar para casa. Mais uma vez, os céus lhe reservavam novas surpresas. Uma forte tempestade obrigou seu barco a aportar na Sicília, no sul da Itália. Aos poucos, recuperou a saúde e concebeu um novo plano: decidiu participar da assembléia geral da Ordem, em Assis, em 1221, e deste modo conheceu São Francisco pessoalmente.

É difícil imaginar a emoção de Santo Antônio ao encontrar seu mestre e inspirador, um homem que falava com os bichos e recebeu as chagas do próprio Cristo. Infelizmente, não há registros deste momento tão particular da história do Cristianismo. Sabe-se apenas que os

dois santos se aproximaram mais tarde, quando o frei Antônio começou a realizar as primeiras pregações.

E que pregações! Santo Antônio era um orador inspirado. Suas pregações eram tão disputadas que chegavam a alterar a rotina das cidades, provocando o fechamento adiantado dos estabelecimentos comerciais. De pregação em pregação, de povoado em povoado, o santo chegou a Pádua. Chegando no local indicado, converteu um grande número de pessoas com seus atos e suas palavras. Foi para essa cidade que ele pediu que o levassem quando seu estado de saúde piorou, em junho de 1231. Santo Antônio, porém, não resistiu ao esforço e morreu no dia 13, no convento de Santa Maria de Arcella, às portas da cidade que batizou de "casa espiritual". Tinha apenas 36 anos de idade.

O pedido do religioso foi atendido dias depois, com seu enterro na Igreja de Santa Maria Mãe de Deus. Anos depois, seus restos foram transferidos para a enorme basílica, em Pádua. O processo de canonização de frei Antônio encabeça a lista dos mais rápidos de toda a história. Foi aberto meses depois de sua morte, durante o pontificado de Papa Gregório IX, em 30 de maio de 1232 durou menos de um ano. Entre os milagres atribuídos ao frei Antônio, há o registro em azulejos na igreja de Penedo, Costa de Lisboa o “milagre dos peixes”.

Durante uma peregrinação em Rimini (Itália), os hereges, além de não quererem ouvir o santo até viraram-lhe as costas. Santo Antônio dirigiu-se aos peixes e milhares deles colocaram a cabeça fora d'água para escutá-lo. Os hereges ficaram impressionados com o que viram e logo se converteram. (Revista Mundo e Missão, 2002, p. 36)



Graças a sua dedicação aos humildes, Santo Antônio foi eleito pelo povo o protetor dos pobres. Transformou-se num dos filhos mais amados da Igreja, um porto seguro ao qual todos – sem exceção – podem recorrer. Uma das tradições mais antigas em sua homenagem é, justamente, a distribuição de pães aos necessitados e àqueles que desejam proteção em suas casas.

Homem de oração, Santo Antônio se tornou santo porque dedicou toda a sua vida aos mais pobres e ao serviço de Deus.

Diversos fatos marcaram a vida de Santo Antônio, mas um em especial era a devoção à Maria. Em sua pregação, em sua vida, a figura materna de Maria estava presente. Santo Antônio encontrava em Maria além do conforto a inspiração de vida.

O seu culto, que tem sido ao longo dos séculos objeto de grande devoção popular, é difundido por todo o mundo através da missionação e miscigenado com outras culturas (nomeadamente Afro-Brasileiras e Indo-Portuguesas).

Santo Antônio torna-se um dos santos de maior devoção de todos os povos e sem dúvida o primeiro português com projeção universal. De Lisboa ou de Pádua, é por excelência o Santo milagreiro, e principalmente casamenteiro. Padroeiro dos pobres é invocado também para o encontro de objetos perdidos. Sobre seu túmulo, em Pádua, foi construída a basílica a ele dedicada.



Figura 15: Romeiros subindo a Ladeira da Pedra – 2004 (arquivo pessoal)

3. FÉ E PENITÊNCIA

3.1. OS ROMEIROS

Nos meses de junho com a Festa de Santo Antônio, que há cerca de cem anos atrai milhares de pessoas e novembro com a Romaria do Migrante, realizada pela Pastoral dos Migrantes – Nordeste Dois (AL, BA, CE, PB, PE, RN, SE), que há dez anos promove o encontro dos romeiros migrantes da Paraíba e do Nordeste, a Pedra de Santo Antônio, torna-se o ponto de encontro de fé e penitências. Os romeiros, em sua maioria pessoas idosas e humildes e são, geralmente, pessoas desacreditada das forças dos poderes dos homens. Eles buscam as soluções de seus problemas nas orações e cantos realizados na pequenina capela localizada ao lado da Pedra.



Figura 16: Romeiros subindo a ladeira da Pedra de Santo Antonio, 13 de junho de 1983.
(Arquivo Casa da Cultura)

Esses romeiros são pessoas que durante todo ano têm na sua programação não só as datas das festas da Pedra de Santo Antônio, mas outras datas de outros eventos religiosos no Nordeste, como o túmulo de Frei Damião, em Recife; a estatua de padre Cícero, em Juazeiro do Norte, Ceará; Santa Vitória, em Carnaúba dos Dantas, no Rio Grande do Norte e outros. Da mesma forma que encontramos pessoas que fazem uso profano do local, também encontramos pessoas que o fragmentam por motivos religiosos. Isso se procurarmos bem, principalmente nos meses de junho, uma vez que o contingente que faz uso profano supera o contingente de uso religioso.

Podemos observar que os romeiros sentem-se incomodados com o lado profano da festa. Sentem falta da realização de missa no local, no mês de junho. A capela é bem pequena, o que para muitos passa despercebido, daí poucos a visitarem, mas é na pequenina capela que podemos observar o uso religioso do local.

Encontramos pessoas que praticam a fé, que passam horas cantando e rezando, seja para agradecer ou para pedir uma graça a Santo Antônio. Os romeiros que fragmentam a Pedra de Santo Antônio podem ser identificados por suas vestes, seus crucifixos, que mostram serem pessoas extremamente crédulas em Santo Antônio.



Figura 17: Entrada da capela de Santo Antonio, 13 de junho de 2004. (João Andrei e Gerlane).

Para muitos desses romeiros, subir os 3Km da ladeira que dá acesso à Pedra de Santo Antônio, a pé é uma espécie de penitência. E muitos deles, fazem questão de fazer o percurso, levando sacolas com água e alimentos para o dia da festa. Sem falar que as pessoas realizam orações para que Santo Antônio interceda para que elas venham a alcançar as graças desejadas.



Figura 18: Romeiros subindo a ladeira da Pedra, novembro de 2010. (arquivo Casa Paroquial).

3.2. NOVEMBRO: A ROMARIA DOS MIGRANTES

Desde 1995, a Pastoral dos Migrantes do Nordeste junto com a Igreja Católica realiza a Romaria dos Migrantes, evento que ocorre nos meses de Novembro. A cada ano, a exemplo de como é feita a Campanha da Fraternidade a Pastoral dos Migrantes, também escolhe a cada ano um tema a ser refletido pela comunidade.



Figura 19: Matriz São João Batista (concluída em 1929): ponto de saída da Romaria dos Migrantes (arquivo Casa Paroquial).

O destino da romaria é a Pedra de Santo Antônio, e tem um caráter, essencialmente, religioso. A Romaria atraía no início dos anos 2004 poucas pessoas, se comparada com a festa de Santo Antônio no mês de junho. Era pouco divulgada pela Pastoral e Casa Paroquial, responsável pela promoção, à romaria faz também, trabalhos comunitários com as comunidades rurais carentes, construindo cisternas, derrubando casas de pau-a-pique, e construindo casas de tijolos.

Segundo Jacqueline Fablicio de Moraes (Integrante da Coordenação da Pastoral do Migrante em Fagundes de 1998 a 2000), a parte social da pastoral em Fagundes encontrava-se a época 2004 parada por falta de interesse da Casa Paroquial e da própria comunidade católica, que não tinham um líder evangelizador que procure-se o bem estar social das comunidades.

Quando questionada a época do por que a Pastoral escolheu a Pedra de Santo Antônio para a romaria, tendo em vista que a igreja não reconhecer a Pedra como um lugar sagrado, Jacqueline nos falou que, mesmo a pedra não sendo reconhecida como lugar sagrado pela

Igreja, é o único ponto turístico conhecido de Fagundes e que atrai os romeiros de outras cidades e estados.

Com um número pequeno de romeiros, a Romaria do Migrante em 2004 chegou à sua décima edição trazendo mais pessoas das cidades circunvizinhas, do que da participação da comunidade fagundense. Isso mostra um desinteresse da comunidade católica com relação aos ideais da Romaria que é realizar o encontro dos migrantes, os quais foram forçados a deixarem suas terras em busca de condições melhores para sua sobrevivência, e, dessa forma com um trabalho social, fazer com que as pessoas tenham condições de sobrevivência em suas comunidades.

No que diz respeito ao aparente desinteresse da comunidade local, é provável que esteja relacionada ao constante crescimento das igrejas protestantes, que por meio de uma doutrina “carismática” atrai grande número da juventude fagundense aos seus cultos. Certamente, esse é um fator para se entender porque a igreja católica parece estar em desvantagem em relação à mobilização da juventude.

Nos dias atuais (2014), a Romaria continua acontecendo, agora com total empenho a comunidade Católica e da Igreja local, em comparação com a Festa de Santo Antônio ainda não atrai essa gama de pessoas, mas é um evento que está mais relacionado à parte religioso, não dando tendo espaço, nem realização da parte profana do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi contribuir, mesmo que modestamente, para a história da cidade de Fagundes. Esse é apenas um passo inicial e espero que outros possam interessar-se pela história dessa cidade e mesmo pela História de um modo geral.

Nesse percurso, o que mais nos preocupou foi à grande dificuldade em encontrarmos material sobre a história de Fagundes. O que encontramos em nossas buscas foram, muitas vezes, apenas fragmentos, em outras, a recusa de algumas pessoas que por não entenderem o nosso trabalho se recusaram a nos indicar o acesso às fontes documentais, por exemplo, fotografias, que poderíamos ter reproduzido, mas, não obstante, tantos empecilhos, quero compartilhar com todos o que consegui reunir sobre uma parte da história de Fagundes.

Os levantes populares foram, definitivamente marcantes na vida dos habitantes fagundenses. Notamos que, depois de mais de século e meio do seu primeiro levante popular, o “Ronco da Abelha”, as pessoas ainda se lembram do que se tratava, tornaram-se marcas e

identidade cultura de um povo. O mesmo pode ser afirmado sobre o “Quebra-Quilos”, o mais conhecido desses movimentos. A permanência desses movimentos na memória coletiva deve-se, sem dúvida, a tradição oral, forma pela qual essa história permanece nas mentes e imaginário dos fagundenses. Uma outra lembrança desses movimentos são os estudos acadêmicos, que cada vez mais buscam o aprofundamento deste tema.

A importância da Pedra de Santo Antônio para a cidade de Fagundes, hoje, é que ela é reconhecida como um dos centros de atração de romeiros e turistas de toda parte do mundo. Isso faz com que, a cada ano, no mês de junho a economia dessa pequena cidade seja aquecida, e nossa cidade ganha notoriedade, tornando-se conhecida como a “Cidade da Fé”.

Essa economia gerada pelas romarias está muito longe de ser comparada a de um Juazeiro do Norte - CE, de padre Cícero, da Pedra do Pai Matheus em Cabaceiras – PB, pois, ainda nos falta uma infraestrutura adequada, que propicie aos romeiros, turistas e visitantes o mínimo de conforto e receptividade. Falta, também, a atenção dos poderes públicos municipais e estaduais, para que esse sonho de dinamização do comércio através do turismo religioso torne-se uma realidade. Como lugar de atração de religiosos e turistas Fagundes tem sua importância, com a Pedra de Santo Antônio e sua lenda, mas as milhares de pessoas, que a visitam sofrem com a falta estrutura, acolhimento, falta de guias turísticos, pois o seguimento do turismo religioso é uma das que mais cresce atualmente e com uma história centenária, uma paisagem maravilhosa, estamos perdendo a oportunidade de alavancarmos ainda mais a história, os costumes, as crenças e as marcas culturais de nosso povo.

Ao término, deste trabalho temos a percepção que mergulhamos num mar infinito, belo e desconhecido, em busca do conhecimento histórico de uma pequenina cidade, que a cada texto, fotografia ou relatos nos alimentava a buscar mais, para dizimar nossas dúvidas. Mas como diz Sandra Jatahy Pesavento:

O historiador, realmente, pode concluir que, hoje, possui mais dúvidas do que certeza, mais isso, afinal de contas, não seria a base e o fundamento de toda a aventura do conhecimento? Tais considerações, realmente, marcam uma mudança de atitude que se explica a partir desse novo patamar epistemológico que passa a presidir o fazer história no campo da História Cultural”. (PESAVENTO, 2003: p. 62).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª ed., João Pessoa, Ed. Universitária, 1978.

CÂMARA Epaminondas, **Datas Campinenses**. RG Editora e Gráfica, 1998.

C.S.C, Padre Antônio AT, Tradução Monsenhor D. José Basílio Pereira. **História de Santo Antônio**. São Paulo, Mensageiro de Fé LTDA, 1951.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre a Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Bertround Bront, 1990.

CORREIA, José Garcia de: **A verdadeira História da Pedra de Santo Antonio (Cordel)**. 2º edição, 2004.

HERCULANO, José Cruz. **A Pedra de Santo Antônio**. 2003.

JOFFILY, Geraldo Irenêo .**O Quebra-Quilos: a revolta dos matutos contra os doutores – 1874 – Brasília – Thesaurus – 1977**.

_____. **Sinopse das Sesmarias**. Brasília – Thesaurus – 1977.

MAIA, Benedito. **Governadores da Paraíba –1947/1980**. João Pessoa: 1980.

MELO, José de Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. João Pessoa, Editora UFPB, 2000.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. **Revolta do Quebra -Quilos**. São Paulo; Ática 1995.

OS OLIVEIRA LEDO ... De Teodósio de Oliveira Lêdo – fundador de Campina Grande – a Agassiz Almeida – Constituinte de 1988.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

PINTO, Irineu Pereira. **Datas e Notas para a História da Paraíba**, volume 01.

RABELLO, Adylla Rocha. ANDRADE, Ana Isabel. **Dados biobibliográficos de Ivan Bichara Sobreira**. João Pessoa: FCJA, 1995 .

SILVA, M.F.da; CARVALHO, E. O. D de e BRANDÃO, R.J.de A. **A Semântica toponímica dos municípios paraibanos**. João Pessoa: Sal da Terra, 2007.

SILVEIRA, Fernando. **Vidas Paraibanas**. João Pessoa: 1981.

Outras

Arquivo Cartório José Cruz Herculano Fagundes-PB

Arquivo Casa da Cultura de Fagundes-PB

Arquivo Casa Paroquial de Fagundes-PB

Arquivo do Jornal “Diário da Borborema” – 1977-1982

Arquivo Museu do Telégrafo de Campina Grande - PB

Arquivo Prefeitura Municipal de Fagundes

Entrevistas seletivas com os romeiros – junho de 2004.

